



O mediador tem de ter a confiança das duas partes para poder fazer um bom trabalho de acompanhamento. Logo ao princípio as pessoas pensavam que o mediador era a solução para todos os problemas e isso não é bem assim. O mediador só faz o que pode”.

Prudêncio Canhoto



Os ciganos estão em Portugal há séculos, mas a exclusão social tem-nos acompanhado sempre. Temos uma identidade, uma cultura muito própria, que faz confusão à maioria. Se calhar existe falta de conhecimento de parte a parte”.

João Barão

Reportagem

Existem quatro mediadores no distrito de Beja

A eterna crise dos ciganos

Quatro mediadores na região, embora um esteja no desemprego, fazem a ponte entre a comunidade cigana e as instituições públicas. Têm o dom de estabelecer uma relação de confiança e comunicação aberta com os representantes das partes e procuram entender a situação de forma a refletir os pontos de vista, os fundamentos das opiniões, os sentimentos, as atitudes e as ações. Quatro cidadãos ao serviço das comunidades cigana e não cigana, que falam de integração e exclusão social, da crise, da mudança de mentalidades, mas também de sonhos e de esperança.

Texto **Bruna Soares**
Ilustração **Susa Monteiro**

A chuva chegou sem hora marcada e encharca as ruas da cidade de Beja. Prudêncio Canhoto espreita-a pela janela. Enverga uma gabardina preta, embora não esteja a pensar sair do edifício dos serviços técnicos da Câmara Municipal de Beja. Trá-la vestida porque o aconchega e porque se a tirasse ficaria em mangas de camisa, que sobressai pela sua cor: rosa forte. Entramos e sem que pronunciemos uma palavra Prudêncio Canhoto apressa-se: “Sou eu o mediador cigano”. E rapidamente vai ao assunto que nos trouxe. O seu trabalho, a integração da comunidade de etnia cigana, a crise, o presente, o futuro, os sonhos...

“Neste momento em Beja, infelizmente, só dois mediadores ciganos estão no ativo. Espero que esta situação mude rapidamente. Faz falta mais gente a trabalhar nesta área”, começa por explicar, e encolhendo os braços, como se não fossem necessárias mais explicações, diz: “A crise toca a todos”.

Interessa-lhe, porém, para início de

conversa, falar do seu trabalho e de como aqui chegou. “Tive a oportunidade de tirar um curso de formação, através da Associação Sementes de Vida. A Escola de Santa Maria, nessa altura, era a mais problemática e trabalhavam lá pessoas que me conheciam e que achavam que fazia todo o sentido eu ir para lá trabalhar também. E, embora não tivesse formação na área da mediação, acabei por ir, mas com muitos receios. Foi uma experiência muito boa. O meu trabalho foi reconhecido pelas comunidades cigana e não cigana. Depois surgiu a oportunidade de vir para a Câmara Municipal de Beja e por cá me tenho mantido”.

E satisfação no trabalho não lhe falta, embora garanta que este é um trabalho mais complicado do que aquilo que parece. “A situação do País agravou-se e na região e na cidade também. Tudo se tem agravado. Sou a ponte entre a comunidade cigana e a população em geral, ou seja, a Câmara de Beja, mas não é uma tarefa fácil”.

Calma, paciência e ponderação, garante, “não lhe faltam”. “O mediador tem de ter a confiança das duas partes para poder fazer um bom trabalho de acompanhamento. Logo ao princípio as pessoas pensavam que o mediador era a solução para todos os problemas e isso não é bem assim. O mediador só faz o que pode”, explica.

Tem bem presentes os vários problemas que afetam a comunidade cigana. Saberá, caso lhe pedíssemos, enumerá-los um a um, mas há um que sobressai entre todos os outros: o problema da integração.

“Sempre houve ciganos em Beja e a maioria vivia em barracas, em toldos, mas não se fez, em minha opinião, um realojamento para a integração. Quando não se trabalha para o futuro não se podem esperar bons resultados. Não posso dizer que a comunidade de etnia cigana em Beja está bem integrada. Mas também não se pode só dizer que os ciganos são isto e aquilo e que a culpa é só sua. Há, como em todas as comunidades, gente boa e gente má. O cigano para mudar necessita que exista alguém que resolva apostar em si, precisa de uma oportunidade, porque, na verdade, sente-se discriminado, isolado, abandonado, o que leva a sentir-se inferior e a não confiar”, considera Prudêncio Canhoto. E acrescenta: “A integração acontece quando há união, convívio, quando se repartem as tarefas entre a população cigana e a população não cigana”.

No concelho de Moura também residem vários cidadãos de etnia cigana. E, tal como em Beja, também a Câmara Municipal de Moura tem um mediador ao serviço. Adérito Oliveira, 27 anos, faz a ligação entre



a autarquia e a comunidade. “Sou novinho mas tenho a confiança dos membros da comunidade. Sou reconhecido. Tenho também a confiança da autarquia. Condições essenciais a um mediador”, diz.

Está ao serviço há quatro anos. “Sempre vivi em Moura e tinha conhecimento acrescido sobre a realidade local. Conheço bem a nossa cultura, cresci com ela. Tenho cá as minhas raízes e sou bem aceite na comunidade”, começa por explicar, enquanto deixa safar um sorriso largo.

“No princípio existiam várias dúvidas em relação ao que era a profissão de mediador cigano. As pessoas de etnia cigana pensavam que iam ter um representante na câmara municipal. Acontece que o mediador é apenas um elo de ligação. Mas o povo de etnia cigana está contente com o meu trabalho, que julgo que está a ser positivo para ambas as partes”.

Aqui, contrariamente ao que acontece em Beja e noutros concelhos, segundo Adérito Oliveira, “nota-se uma melhor integração”. “As coisas têm mudado. Notam-se diferenças. Existe relacionamento e compreensão. É preciso respeitarmo-nos mutuamente, somos diferentes entre iguais. Temos a nossa cultura, outros têm a sua. Temos a nossa identidade, outros têm a sua. Existindo confiança e consideração tudo funciona melhor”, explica, embora não exclua que, sem dúvida, “existem ainda, infelizmente, grandes assimetrias”, nomeadamente no que diz respeito “às oportunidades”.

“Há, por exemplo, uma grande marginalização em relação ao mercado de trabalho. É muito fácil dizer que os ciganos querem viver do Rendimento Social de Inserção (RSI), mas esquecem-se que ninguém lhes dá verdadeiras oportunidades. O povo cigano sempre trabalhou no comércio, na agricultura, mas as dificuldades são sentidas por todos. O trabalho na agricultura tem desaparecido, as vendas em mercados ambulantes e feiras estão fracas. Antigamente as pessoas conseguiam comprar roupa mais barata aos ciganos, atualmente compram --na na loja dos chineses. As feiras têm desaparecido. Tudo isto leva muitos para situações complicadas. As pessoas têm de viver, como qualquer um, com condições mínimas de dignidade. É preciso ver caso a caso e não generalizar”, defende Adérito Oliveira.

Quem sente na pele o problema do desemprego é Jesus Silva. Trabalhava como mediador cigano na Escola de Santa Maria, em Beja, mas o contrato terminou. “Estou a receber o subsídio de desemprego, mas espero que não seja por muito mais tempo. Quero trabalhar, tenho uma família para

Adérito Oliveira

“A população de etnia cigana tem menos estudos, o que também a prejudica. Hoje em dia as mentalidades já estão diferentes. Os trabalhos que davam sustento aos ciganos estão a desaparecer a uma velocidade incrível. Os pais apostam na formação dos filhos cada vez mais, para que estes possam ter um futuro melhor. Eu acredito que é possível”.

Jesus Silva

sustentar e pretendo dar o melhor aos meus filhos. Tenho procurado, mas infelizmente as coisas não estão fáceis e, como se não bastasse, os ciganos têm de contar ainda com a discriminação. É uma tristeza”.

Garante que, na vida, já fez muitas coisas. “Apanhei muita azeitona. Fiz muitos trabalhos no campo, mas a agricultura para os ciganos também está ruim. Empregam muita gente de vários países, mas os ciganos não. Andávamos, muitas vezes, na apanha do tomate, mas também pouco tomate já há. Andei na venda ambulante, que também está bastante fraca. Mas, sem dúvida, o trabalho que mais gostei de desenvolver foi o de mediador. Trabalhava diariamente com crianças e não é qualquer pessoa que o pode fazer. É preciso ter jeito, feito e a confiança

da escola e dos pais. Espero poder voltar rapidamente a desenvolver este trabalho, que me dava grande satisfação. Tenho esperança de ainda o vir a fazer, mas entretanto já fui dar o meu nome à Delta, pode ser que me chamem. A esperança é a última a morrer”.

Para Jesus Silva, “todos sentem a crise e de que maneira”. “Há cortes e mais cortes. As coisas aumentam e as condições diminuem. É bastante complicado”. E lembra ainda: “A população de etnia cigana tem menos estudos, o que também a prejudica. Hoje em dia as mentalidades já estão diferentes. Os trabalhos que davam sustento aos ciganos estão a desaparecer a uma velocidade incrível. Os pais apostam na formação dos filhos cada vez mais, para que estes possam ter um futuro melhor. Eu acredito que é possível”, afirma, enquanto observa o movimento que passa pelas ruas da cidade, que depois da chuva é finalmente brindada pelo sol.

Enquanto isso, João Barão desenvolve o seu trabalho de mediação no Hospital José Joaquim Fernandes, em Beja. É conhecido por estas paragens e o seu trabalho reconhecido. Está ao serviço há cinco anos, cinco anos, garante, “repletos de aprendizagem e conhecimento”. “Todos nós precisamos de aprender diariamente para evoluir”.

João Barão garante que “é necessário estar por dentro da cultura cigana e da sua lei para a entender”. E lembra: “Os ciganos estão em Portugal há séculos, mas a exclusão social tem-nos acompanhado sempre. Temos uma identidade, uma cultura muito própria, que faz confusão à maioria. Se calhar existe falta de conhecimento de parte a parte. Mas se não houver relacionamento nunca ninguém se vai entender devidamente”, defende o mediador.

A cultura, as vivências ciganas, diz, “não são escritas de livro em livro”, passam antes “de geração em geração”. “Somos assim”, conclui, para rapidamente realçar traços da sua cultura: “Somos, sem dúvida, um povo alegre e que se entretém. Vivemos de sentimentos, de amor, de perdas, de amizade. Sentimos muito a família e gostamos do convívio, da partilha. Sentimos a dor da nossa comunidade e juntamo-nos para a tentar minimizar. Somos unidos”. E, neste sentido, apela: “É preciso que se deixe o preconceito de lado e que as pessoas se relacionem”.

O mediador do Hospital de Beja, como muitas vezes é tratado, sonha com o dia em que chegue a igualdade de oportunidades para todos. “No dia em que isso acontecer sou um homem muito feliz. No dia em que todos tivermos os mesmos deveres e direitos”. E mais: “Quando se referirem aos ciganos e retirarem o ‘s’ do fim também o sou. Se há um cigano que faz algo de errado, não foi o cigano, foram os ciganos. Nós temos cinco dedos numa mão e nenhum é igual ao outro. Tem de deixar de existir repetidamente este apontar de dedo a uma comunidade inteira”.

Por fim, a pergunta: “E muitas vezes não se autoexcluem também”? “Sim, por isso dizemos é preciso ver caso a caso. Não generalizar”.

Adérito Oliveira